



Patemização e argumentação em editoriais do jornal *O Globo*: uma proposta para o ensino

Karen Pereira Fernandes de Souza


Doutora em Letras Vernáculas pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Brasil.


 karen_pf_souza@hotmail.com

 orcid.org/0000-0002-0544-2778

Rachel de Carvalho Pinto Escobar Silvestre


Doutoranda em Letras Vernáculas pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Brasil.


 rachelescobarsilvestre@gmail.com

 orcid.org/0000-0002-1607-1183

Welton Pereira e Silva

Doutor em Letras Vernáculas pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Brasil.

 weltonp.silva@hotmail.com

 orcid.org/0000-0002-4693-3151

Resumo: Baseado na Teoria Semiolinguística do Discurso, de Patrick Charaudeau, este artigo propõe a análise dos efeitos patêmicos a partir de alguns lugares da emoção (EMEDIATO, 2007) que sensibilizam o leitor através de estratégias de persuasão (*logos*) e sedução (*pathos*). Este artigo também propõe a reflexão sobre a sensibilização do leitor por meio dessas marcas linguísticas ao propor uma atividade interpretativa de um dos editoriais selecionados para alunos de ensino médio. O intuito é aplicar a teoria na prática de ensino para que os alunos possam reconhecer os efeitos patêmicos nas estratégias persuasivas empregadas pelo autor, possibilitando, assim, a ampliação de seus conhecimentos sobre a língua e a argumentação. Sendo assim, trouxemos propostas de exercícios que visam a suscitar reflexão em sala de aula entre alunos e professores de língua materna sobre os lugares da emoção em um texto argumentativo.

Palavras-chave: Argumentação. Semiolinguística. Patemização. Prática de ensino.

Abstract: based on the Semiolinguistic Discourse Theory, by Patrick Charaudeau, this paper proposes the analysis of the pathemics effects of some places of emotion (EMEDIATO, 2007) that sensitize the reader through strategies of persuasion (*logos*) and seduction (*pathos*). This article also proposes a reflection on reader's awareness through these linguistic marks by proposing an interpretative text activity of an argumentative text for high school students. The aim is to apply the theory in teaching practice so that students can recognize the pathemic effects on the strategies employed by the author, thus enabling the expansion of their knowledge of the language. Thus, the problems of exercises aimed at reflecting in the classroom between students and native language teachers about the places of emotion in an argumentative text.

Keywords: Argumentation. Semiolinguistics. Pathemization. Teaching practice.

Introdução

Este artigo tem como proposta examinar as estratégias empregadas pelos autores de dois editoriais de jornal para despertar variadas emoções em seus leitores, assentado no aporte teórico e metodológico da Teoria Semiolinguística do Discurso, de Patrick Charaudeau. Neste estudo, serão observados os efeitos patêmicos gerados por meio de determinadas estratégias argumentativas assim como provocados a partir da escolha lexical e dos modos de organização do discurso. Para isso, selecionamos dois textos que tivessem o tema em comum, no caso, saneamento básico. A escolha pelo gênero *editorial de jornal* se deu por ser majoritariamente argumentativo, já que este é o modo de organização do discurso predominante nas práticas de redação de alunos de 2º e 3º anos do Ensino Médio com vistas aos exames de acesso ao nível superior.

Verificar-se-ão, no *corpus*, as estratégias de persuasão através do *pathos* e do *logos* construídas pelos autores dos textos, como também os espaços de patemização conforme análise realizada por Souza (2017) e Silvestre (2017). Além disso, será apresentada uma proposta de exercício voltada para a análise de um dos textos, em que serão verificadas as estratégias de argumentação suscitadas pelo *pathos* e pelo *logos*. Tal proposta poderá ser aplicada em sala de aula, levando tanto os professores quanto os alunos a compreenderem que a argumentação também pode ser efetivada através da emoção, mesmo em textos jornalísticos que procuram transmitir um efeito discursivo de objetividade. Aproximar a Pesquisa acadêmica da Prática de aula (Ensino) é o ponto chave deste trabalho e, portanto, é onde reside a relevância do artigo, pois trazemos uma proposta de exercícios para que os alunos de Ensino Médio percebam as ferramentas linguísticas utilizadas pelo autor de um texto argumentativo que procura atingir/despertar certas emoções em seus leitores.

O presente artigo se estrutura da seguinte forma: além desta Introdução, apresentamos na segunda seção os pressupostos teóricos e metodológicos da Semiolinguística do Discurso; na terceira seção será apresentada a análise de um dos editoriais e, posteriormente, teremos uma proposta de atividades, baseadas no outro editorial selecionado, visando à aplicação desta teoria no ensino, as Considerações Finais e as Referências.

1. A teoria: Semiologia do Discurso e a Patemização

Para a Semiologia do Discurso, teoria proposta pelo linguista Patrick Charaudeau, a relação forma-sentido colabora para a construção dos sentidos que emergem de um dado texto, resultante de operações discursivas de entidades subjetivas apoiadas em um contrato comunicativo.

Segundo Gouvêa e Pauliukonis (2012, p. 55), na teoria Semiologia “se faz o exame do contexto, incluindo os protagonistas e parceiros e as circunstâncias de produção do ato comunicativo”. Por se tratar de uma teoria que se propõe como psicossociolinguística, a Semiologia parte sempre do material linguístico, mas analisa os sentidos possíveis de emergir de determinada situação de comunicação, levando em conta o contexto exterior à interação. Dessa forma, consideram-se as identidades dos parceiros da troca comunicativa, o contexto sócio-histórico e os diversos imaginários sociodiscursivos compartilhados pelos membros de uma determinada comunidade. Conforme explica o próprio idealizador da Teoria Semiologia:

Eis porque a posição que tomamos na análise do discurso pode ser chamada de *semiologia*. *Semio-*, de “*semiosis*”, evocando o fato de que a construção do **sentido** e sua configuração se fazem através de uma relação forma-sentido (em diferentes sistemas semiológicos), sob a responsabilidade de um sujeito intencional, com um projeto de influência social, num determinado quadro de ação; *lingüística* para destacar a matéria principal da **forma** em questão – a das **línguas naturais**. Estas, por sua dupla articulação, pela particularidade combinatória de suas unidades (sintagmático-paradigmática em vários níveis: palavra, frase, texto), impõem um procedimento de semiotização do mundo diferente das outras linguagens (CHARAUDEAU, 2007, p. 13, grifos no original).

Assim, dois princípios fundamentais regem o ato comunicativo no espaço enunciativo, vale saber, o *princípio da alteridade*, que entende que o ato de linguagem envolve a troca entre dois parceiros, em um processo dialógico e interacional, e o *princípio da identidade*, que se baseia na imagem projetada para o outro, afinal, é no próprio discurso que a identidade é construída (CHARAUDEAU, 2009).

Ainda segundo Charaudeau (2008), todo ato comunicativo implica um *contrato social*. Para ele:

A noção de contrato pressupõe que os indivíduos pertencentes a um mesmo corpo de práticas sociais estejam suscetíveis de chegar a um acordo sobre as representações linguísticas dessas práticas sociais. Em decorrência disso, o

sujeito comunicante sempre pode supor que o outro possui uma competência linguageira de reconhecimento análoga a sua. Nessa perspectiva, o ato de linguagem torna-se uma proposição que o EU faz ao TU e da qual espera uma contrapartida de convivência (CHARAUDEAU, 2008, p. 56).

Conforme apontam Gouvêa e Pauliukonis (2012), o *contrato de comunicação* reúne as condições para a realização do ato comunicativo: o objetivo do ato, o objeto temático de troca e as coerções materiais determinadas pelas circunstâncias. Encontra-se, ainda, um *espaço de restrições*, que prevê regras que não podem ser infringidas para que não corra risco de não haver comunicação, e um *espaço de manobras*, que compreende as configurações discursivas do sujeito comunicante para alcançar seus objetivos comunicativos, compondo o ato comunicativo.

De acordo com Charaudeau (2007), a estruturação desse contrato se dá em três níveis: *situacional*, o qual determina a finalidade do ato, a identidade dos parceiros, o domínio do saber que é veiculado pelo objeto de troca e o dispositivo; o *comunicacional*, que compreende os modos de falar; e o *discursivo*, que se refere ao espaço de intervenção do sujeito enunciador. Este último nível compreende também as condições de *legitimidade*, *credibilidade* e *captação*.

A *estratégia da legitimidade* garante o seu direito de dizer; a *estratégia da credibilidade*, segundo Charaudeau (1995), é conquistada ao longo das trocas linguageiras, servindo para garantir que o destinatário acredite nos argumentos do enunciador; por fim, a *estratégia de captação* provoca no auditório algum estado emocional que seja favorável ao sujeito falante.

Nesse ínterim, de acordo com Charaudeau (2010), a *patemização*, termo que provém de *pathos*, que designava, na retórica aristotélica, as paixões suscitadas no auditório, é uma estratégia discursiva que visa a persuadir o interlocutor, relacionando-se à estratégia de captação. Assim, a depender dos imaginários sociodiscursivos e valores de crença apresentados pelo ouvinte ou leitor, é possível que certos enunciados desencadeiem nele algum estado emocional, o que poderia levá-lo a concordar com o ponto de vista do sujeito que argumenta.

Por exemplo, em uma reportagem televisiva que busque persuadir o telespectador a realizar uma doação a alguma instituição de caridade, é necessário que a imagem dessa instituição seja descrita e detalhada de uma

forma patemizante, com escolhas lexicais que busquem comover, captar o interlocutor. Ao dizer, a título de exemplo, que muitas crianças, idosos ou enfermos precisam de cuidado e proteção, caso o telespectador compartilhe dos imaginários sociodiscursivos referentes a esses grupos como indivíduos vulneráveis, é provável que ele irá contribuir. Dessa forma, o projeto argumentativo da instituição poderá obter êxito.

Entretanto, ainda conforme explica Charaudeau:

A análise do discurso não pode se interessar pela emoção como realidade manifesta, vivenciada por um sujeito. Ela não possui os meios metodológicos. Em contrapartida, ela pode tentar estudar o processo discursivo pelo qual a emoção pode ser estabelecida, ou seja, tratá-la como um *efeito visado* (ou *suposto*), sem nunca ter a garantia sobre o *efeito produzido* (CHARAUDEAU, 2010, p. 34).

Desta feita, em um trabalho de análise do discurso, poderemos apenas abordar a emoção enquanto um efeito visado, pretendido, e nunca como um efeito produzido efetivamente no interlocutor. Em nossas análises, portanto, ao nos referirmos às emoções que são passíveis de serem despertadas a partir de determinados argumentos, deve-se sempre levar em conta que não nos referimos à emoção experienciada pelo interlocutor, mas àquelas que poderiam ser experienciadas.

A patemização é, portanto, uma estratégia argumentativa bastante eficaz, sendo utilizada em várias esferas de atuação, inclusive, na jornalística, foco deste trabalho. Ao tratar da esfera jornalística, Emediato (2007), pesquisador que também se orienta pela Teoria Semiolinguística do Discurso, afirma que o discurso da informação jornalística se inscreve no contrato de informação e no contrato de captação. *O contrato de informação* prevê:

[...] uma instância de produção jornalística movida por um imaginário segundo o qual a realidade social, em grande parte oculta, deve ser revelada ao público para servir ao ideal de democracia, e de outro, uma instância de recepção vista como um leitorado figurado como instância cidadã para a qual toda a informação concernente ao espaço público é pertinente e vital para a vida cidadã (EMEDIATO, 2007, p. 292-293).

No que se refere ao contrato de captação, Emediato (2007) afirma que ele:

[...] sugere que a instância de produção, enquanto empresa dotada de interesses, encontra-se em uma forte zona de concorrência e, por isso, necessita

pôr em ação estratégias de dramatização e de espetacularização capazes de captar o maior número de leitores, seduzindo-os ou persuadindo-os a comprar o jornal (EMEDIATO, 2007, p. 293).

O contrato de *captação* pressupõe, portanto, um espaço de interesse da instância de produção e também da instância de recepção, ou seja, do leitorado, interessado no princípio do prazer. Para Emediato (2007), seriedade e prazer, informação e captação parecem basear a relação contratual que resulta da informação jornalística. O autor ainda adverte que parte do imaginário jornalístico é construído com base nas leis de proximidade, ou seja, o jornalista deve fazer escolhas pensando nos interesses e expectativas dos leitores.

Sobre o gênero do texto aqui analisado, o editorial caracteriza-se por ser um texto monologal e se apresenta como um “acontecimento comentado”, pois deve apresentar um discurso de opinião de maneira argumentada, de modo que esclareça um acontecimento político-social; sendo assim, os autores têm licença para reivindicar o direito à subjetividade. Segundo Charaudeau (2015, p. 233-234), há nesse gênero as exigências: de *inteligibilidade*, de modo que o texto seja de fácil compreensão; e de *dramatização*, que deve se fazer presente com o intuito de captar a atenção dos leitores. Dessa forma, o editorial é um gênero predominantemente argumentativo.

Sobre a argumentação, no entendimento da Semiolinguística (CHARAUDEAU, 2008), para que ela ocorra, é necessário um sujeito que parta de um ponto de vista sobre o mundo, sobre a realidade (asserção de partida). Esse sujeito lançará mão de inferências (asserção de passagem), visando a conduzir sua argumentação à determinada conclusão (asserção de chegada).

Pelo fato de o editorial consistir em um gênero de caráter argumentativo, determinados pontos de vista e julgamentos de valor de base axiológica podem ser percebidos na tessitura textual. Como vimos na seção precedente, o sujeito enunciador pode lançar mão de estratégias argumentativas mais relacionadas ao *logos*, isto é, a argumentação utilizando palavras propriamente ditas, como comparações, exemplificações e escolhas lexicais, bem como lançar mão de estratégias mais relacionadas à *patemização*, vale lembrar, à possibilidade de determinado enunciado levar o interlocutor a experimentar certas emoções. Como bem nos lembra

Charaudeau (2010), a temática do texto deve ser favorável ao surgimento das emoções objetivadas.

Assim, em consonância com esse ponto de vista, o espaço da *tematização*, categoria utilizada por Emediato (2007), é o primeiro espaço do texto em que se percebe intencionalidade emotiva, pois ela almeja captar a atenção do leitor, seja por um interesse afetivo seja por um interesse cognitivo. Já a *problematização* é o espaço em que a instância de produção convida o leitor a refletir sobre um problema relacionado a uma determinada temática concernente ao espaço público/social em direção à ética cidadã. Por isso, esse espaço é um dos “lugares” em que ocorre sensibilização do leitor, causando algum efeito patêmico.

No que tange à escolha lexical, como vimos, este também é um fator que pode suscitar algum efeito patêmico no interlocutor, pois a escolha de um determinado vocábulo dentro de uma situação/temática pode levar o interlocutor a experimentar determinada emoção, a depender de seus valores de crença e imaginários sociodiscursivos. Segundo Emediato (2007, p. 305-306), “o caso mais evidente é o das qualificações subjetivas que podem conter índices de avaliação afetiva ou axiológica” e há também os “casos de identificação”.

Os sintagmas nominais axiológicos estão ligados a vocábulos que originalmente não provocam nenhuma emoção e, somente depois de passar pelo aparato cognitivo, como em “Sangradouro: *exemplo* de produtividade” (EMEDIATO, 2007, p. 306), podem levar o interlocutor a experimentar alguma emoção. Por sua vez, os sintagmas nominais afetivos estão ligados a palavras que já carregam em si uma carga emotiva, como em “Reajuste do salário família é *desaforo*” (EMEDIATO, 2007, p. 306).

A argumentação está também relacionada aos operadores argumentativos que direcionam a interpretação do leitor para um determinado sentido. Segundo Fernandes (2010, p. 143), a argumentação esforça-se em levar o leitor a construir hierarquias, estabelecer lugares comuns de qualidade e quantidade, construir valores mais abstratos; em outras palavras, “seguem regras racionais de acionamento, com causas e consequências mais ou menos bem definidas”.

A próxima seção é dedicada à análise do *corpus*, um editorial, que será analisado considerando os espaços da persuasão e da sedução vistos de

acordo com a Teoria Semiociuística do Discurso (CHARAUDEAU, 2004, 2007, 2008, 2009, 2010, 2015) e categorias de análise complementar (EMEDIATO, 2007) ora apresentada nesta seção. Reiteramos que não temos interesse em analisar o gênero nem tão pouco analisar enfaticamente a estrutura macrotextual. Nosso principal objetivo é dar ênfase aos lugares da emoção de acordo com os pressupostos teóricos da Semiociuística do Discurso. Aplicamos a teoria em um texto argumentativo para preparar o caminho para a seção de prática de ensino.

2. A prática argumentativa: aplicação da teoria em um editorial

Esta seção fica destinada à aplicação da teoria vista na seção anterior em um texto argumentativo de gênero editorial de jornal para que o professor possa ter um exemplo de como podemos explorar as pistas linguísticas deixadas pela instância de produção ao longo da construção textual. Nossa análise patêmica será fundamentada por alguns postulados teóricos apresentados por Charaudeau (2004; 2007), fundador da teoria, e complementados por Emediato (2007), com os lugares da emoção. Antes, porém, de fazermos a análise propriamente dita, convém expor o contexto que mobilizou a equipe-chefe do jornal *O Globo* a escrever este editorial. Por se tratar de um editorial de jornal, o texto nem sempre traz as explicações necessárias para o seu entendimento se não estivermos vivenciando o momento em que a situação que deu origem ao fato ocorreu. Como o texto é de 2016, julgamos ser necessária a contextualização de alguns pormenores.

Em 17 de janeiro de 2016, o governador do Estado do Rio de Janeiro apresentava uma parceria público-privada (PPP) em comunidades que já fossem pacificadas com as unidades de polícia pacificadora (UPPs). O objetivo era implementar sistemas de abastecimento de água e coleta de esgoto em comunidades carentes do Rio, começando pela Vila Verde, na Rocinha. Com este projeto, o governo forneceria a água e as empresas privadas implantariam e tratariam o sistema de esgoto, beneficiando os moradores das comunidades não só com a água, mas também com a criação de empregos. Além disso, o governador informou que uma parte da arrecadação da tarifa de água seria revertida para programas sociais na comunidade.

À época da publicação do projeto, especialistas sanitários recomendavam a remoção de pessoas que vivessem em áreas de risco e/ou de

preservação ambiental, pois seria inviável levar água a locais muito íngremes e inseguros.

Após esta breve contextualização, importante para vislumbrarmos alguns efeitos de sentido passíveis de serem obtidos por meio da leitura do editorial, passemos à análise. Abaixo, apresentamos o texto analisado, na íntegra:

Saneamento de favelas para além de água e esgoto.

Entre os muitos desafios que se põem à frente do país, o saneamento básico é um dos maiores. De acordo com o ranking mais recente do Instituto Trata Brasil, mais de 35 milhões de pessoas não contam com água tratada em casa e quase cem milhões estão excluídas do serviço de coleta de esgotos. Números alarmantes, que explicam o alto índice de doenças diarreicas e outros males.

Quando ao desafio se acrescenta o fato de que as comunidades aonde é preciso levar água potável e tratamento de esgoto são de difícil acesso e castigadas pela violência, é preciso esforço redobrado. É bem-vinda, portanto, a notícia de que o governo do estado prepara um programa de saneamento em 25 favelas, com participação da iniciativa privada.

O governador Luiz Fernando Pezão planeja uma parceria público-privada (PPP) para sanear comunidades com Unidades de Polícia Pacificadora (UPPs), incluindo a Rocinha, o Vidigal, a Cidade de Deus e as que fazem parte do Complexo do Alemão. O investimento previsto é de R\$ 600 milhões, alcançando 140 mil domicílios e 450 mil pessoas. Além disso, planeja-se usar mão de obra local, amenizando o problema do desemprego.

Em momento de crise financeira do estado, a necessidade de buscar parceiros privados para o empreendimento é ainda maior. Sobretudo quando se tem bom exemplo próximo. O sucesso da experiência da concessionária Águas de Niterói indica que o caminho passa pela iniciativa privada. Segundo o Instituto Trata Brasil, a cidade está em nono lugar em atendimento de água tratada num ranking dos cem maiores municípios do Brasil, além de ser a quinta em tratamento de esgoto.

A determinação de recorrer à iniciativa privada, no entanto, deve ser a mesma no momento de tomar outra decisão imprescindível para que o empreendimento tenha sucesso: a remoção de moradores de áreas de risco, muito comuns em favelas. O engenheiro civil e sanitarista Adacto Ottoni alerta para a contradição de se oferecer tratamento de esgoto em áreas de ocupação irregular. Em locais íngremes, adverte o professor da Uerj, é difícil instalar a tubulação, e os canos podem quebrar em terrenos de grande inclinação. Além disso, o custo é elevado, mais um motivo para que sejam deixados de lado definitivamente certos espaços sem condições aceitáveis de habitação.

Tratamento de água e coleta de esgoto são fundamentais e, por isso mesmo, um ponto de partida. A obra de saneamento pode – e deve – vir acompanhada de outras medidas de urbanização, como a abertura de ruas, necessárias para facilitar o acesso de serviços e arejar o ambiente, contribuindo para a segurança, a saúde e a integração com a cidade. Só assim se poderá dizer que o processo de pacificação cumpriu integralmente o seu propósito.

(O Globo, Editorial, 24 de janeiro de 2016)

Começaremos a análise pela estrutura macrotextual, o gênero, que consiste em um editorial de jornal e tem como principal objetivo apresentar a opinião de seu veículo sobre um problema social/político/cultural relevante e sofrido pela população. Além disso, o editorial se preocupa em fazer o seu leitor refletir e problematizar a temática em pauta, buscando sua adesão. Por esta razão, esse gênero se revela como um texto opinativo (argumentativo) com o intuito de convencer, persuadir, seduzir os leitores a concordarem com o mesmo julgamento exposto pela instância de produção. Portanto, no texto haverá uma ou mais teses (posicionamentos dos editorialistas sobre um determinado tema) e argumentos para defendê-la(s). Diante do objetivo central do gênero, passemos à análise dos espaços reservados à sensibilização do leitor, observando o *logos* e o *pathos* utilizados intencionalmente pela equipe de editorialistas.

Ainda na macroestrutura, o título é uma síntese precisa do texto e é através dele que o autor consegue captar o leitor pela intencionalidade informativa e/ou seduzir pela intencionalidade afetiva. Se o primeiro espaço de sensibilização é justamente por meio da tematização (CHARAUDEAU, 2010), então *Saneamento de favelas para além de água e esgoto* precisa indicar o contexto global a ser tratado ao longo do texto para atrair, captar o leitor para a leitura. A tematização funciona a partir do pressuposto de que os leitores têm um interesse cognitivo (razão) de conhecer mais sobre o assunto como cidadão atualizado – neste caso, quais outras propostas estariam envolvidas no projeto além do saneamento? –; e também um interesse afetivo (emoção), por ser cativado por certos temas que lhe são prazerosos ou trágicos.

Sendo assim, a seleção do vocábulo “saneamento” por si só já pode atrair as pessoas que moram nas comunidades e vivenciam a falta de água

tratada, levando-os a experienciar, por exemplo, um sentimento de esperança. Assim, visto este ser um tema que lhes é caro – seria um exemplo de sintagma nominal por “caso de identificação” –, bem como àqueles que não moram no local, mas ainda assim se interessam pela resolução desse antigo problema nas grandes cidades. Além disso, os autores usam a expressão “para além de”, significando que não só água tratada e esgoto encanado chegariam às favelas, mas algo a mais também faz parte do projeto. Tal informação pode desencadear, no leitor, a expectativa de saber o que seria esse “algo a mais”, o que pode promover nele um interesse, uma curiosidade.

Uma vez ciente sobre o tema a ser discutido no texto, a problematização, como já vimos na seção reservada à teoria, é o espaço em que encontramos uma reflexão, uma meditação sobre a temática polêmica que possa receber dois ou mais pontos de vista diferentes. É o momento em que se levanta um debate, em que se colocam dúvidas/questionamentos sobre o assunto. Esse é um dos lugares no texto que sensibiliza emocionalmente os envolvidos no debate, uma vez que a ação de problematizar altera seus estados psicológicos de forma positiva ou negativa a depender das crenças e dos conhecimentos prévios.

Ao tratar do tema “saneamento básico em comunidades carentes”, múltiplas emoções podem ser geradas de acordo com o grau de proximidade que o leitor tem com a situação discutida, por exemplo, um leitor que não conhece a realidade de uma comunidade pode reagir de forma convergente àqueles que vivenciam seus problemas no dia a dia, da mesma forma que podem divergir, levando-os, por exemplo, à indiferença. Afinal, como vimos, o despertar de uma ou outra emoção é dependente dos valores e imaginários sociodiscursivos apresentados pelo destinatário (CHARAUDEAU, 2010). A problematização no texto não vai discutir se é ou não importante fazer o saneamento nas comunidades, uma vez que é amplamente sabido que oferecer condições sanitárias adequadas para uma população está intimamente relacionado à saúde pública, além de ser um direito de todo cidadão. O que será e deve ser problematizado é como o projeto do governo será implementado, as necessidades das comunidades etc.

Passando para a análise microtextual, nas primeiras linhas do primeiro parágrafo, localizamos a tese central do texto: “Entre os muitos desafios que se põem à frente do país, o saneamento básico é um dos maiores”. Na visão

dos autores, o saneamento é um grave problema a ser resolvido dentre tantos outros no Brasil. Para comprovar essa asserção, por um viés racional, os editoriais trazem um argumento por dados estatísticos ao apresentar os resultados da pesquisa do Instituto Trata Brasil: “De acordo com o ranking mais recente do Instituto Trata Brasil, mais de 35 milhões de pessoas não contam com água tratada em casa e quase cem milhões estão excluídas do serviço de coleta de esgotos”.

Entretanto, como podemos perceber, este não se trata apenas de um recurso lógico, pois a informação trazida também pode gerar um efeito de indignação, cólera, revolta no leitor ao saber que, em pleno século XXI, ainda há 35 milhões de brasileiros sem água tratada e quase 100 milhões sem acesso à coleta de esgoto. Portanto, para trazer mais impacto ao leitor, dentro da prova incontestável apresentada, salienta-se o emprego de sintagmas nominais como “35 milhões de brasileiros” e “100 milhões (de cidadãos)”, de modo que a quantificação traz maior força emotiva. Com isso, essas emoções podem ser reforçadas com a direta correlação feita entre a proliferação de doenças diarreicas e o esgoto não tratado nas comunidades.

No segundo parágrafo, observa-se como os demais modos de organização do discurso podem estar a serviço da argumentação pela emoção. Destacamos, nessa sequência, o emprego do modo descritivo para salientar as dificuldades cotidianas experienciadas pelos moradores das favelas como: a falta de água tratada, inexistência de esgoto tratado, bem como a difícil mobilidade e a violência a que estão submetidos os moradores. Toda essa descrição pode gerar no leitor um sentimento de pena, tristeza, piedade e, assim, é mais fácil se convencer o leitor de que o projeto proposto pelo Governo envolvendo a iniciativa privada será bem-vindo.

No parágrafo seguinte, os autores mantêm o modo descritivo, mas, com a apresentação de tantos pontos positivos do projeto, os efeitos emotivos que podem ser provocados no leitor, agora, são de contentamento, satisfação, alegria ao conhecer o objetivo do programa, quais comunidades estão incluídas no projeto, o custo estimado, os beneficiados e a geração de emprego. É interessante ver nesse texto como a instância de produção trabalha o mesmo recurso – modo de organização descritivo – para desencadear sentimentos opostos no leitor.

Já, no quarto parágrafo, é apresentada uma segunda tese, a de que “em momento de crise financeira do estado, a necessidade de buscar parceiros privados para o empreendimento é ainda maior”. Isto é, os editorialistas acreditam que o caminho que o Governo quer percorrer é a melhor solução para um Estado que não dispõe de verba pública para uma obra deste porte. Para tanto, mais uma vez, os autores exploram a estratégia de convencimento por meio de argumentos lógicos ao trazerem mais dados estatísticos do Instituto Trata Brasil. Neste parágrafo, eles mostram como a cidade vizinha do Rio de Janeiro, Niterói, está muito bem posicionada no ranking do Instituto graças à parceria estabelecida entre a Prefeitura e a iniciativa privada. Tal recurso lógico, bem como o emprego de sintagmas nominais afetivos como “bom exemplo” e “sucesso de experiência”, podem suscitar no leitor sentimentos de expectativa, confiança, esperança, ainda mais pelo exemplo ser de uma cidade vizinha.

O uso da primeira pessoa no contrato de comunicação dos editoriais de jornal não é muito comum, já que é a visão de uma empresa que é transmitida aos leitores, mas isso não significa que não veremos as marcas subjetivas no texto, ainda mais por ser um texto argumentativo. Ao fazer uso do modo de organização enunciativo, através do delocutivo, isto é, sem a explícita presença da marca de primeira pessoa (como em todas as teses nos parágrafos anteriores), a instância de produção emite um terceiro ponto de vista trazido no quinto parágrafo: “outra decisão imprescindível para que o empreendimento tenha sucesso: a remoção de moradores de áreas de risco, muito comuns em favelas”. Para os editores, a decisão de recorrer a um convênio com empreiteiras especializadas é tão importante quanto a retirada de moradores de regiões de difícil acesso, sendo imprescindível para que o projeto dê certo. Fazer tal afirmativa, radical e penosa para os moradores, poderia ser arriscado para que mais pessoas venham a aderir a esse posicionamento e, visando à conquista de mais adeptos, os autores utilizam outra estratégia lógica: o argumento de autoridade.

Desta feita, eles trazem a opinião de um engenheiro civil, sanitarista e professor da UERJ, ou seja, uma pessoa com legitimidade e credibilidade para discutir o assunto. Para o entrevistado, seria contraditório realizar o máximo de esforço para atender algumas regiões das comunidades que deveriam ser desabitadas por não oferecerem condições aceitáveis de habitação aos

moradores (localizadas em terrenos muito instáveis e/ou muito íngremes). Se o programa atendesse a essas regiões, seria um motivo de permanência dessas famílias em áreas de floresta nativa que deveriam ser preservadas, reflorestadas e protegidas pelo Governo. Além do mais, se o programa atendesse a essas mesmas regiões, o custo do projeto se tornaria muito mais caro, pois teriam de levar os encanamentos às moradias muito altas geograficamente.

A ponderação do engenheiro pode desencadear dois sentimentos distintos, a depender do público leitor e de seus valores e imaginários: aqueles que concordam, poderiam experimentar um sentimento de compreensão, anuência porque o Estado não pode permitir que vidas sejam submetidas aos riscos de um desastre natural e, por outro lado, os leitores contrários à opinião de Ottoni poderiam sentir uma angústia, uma revolta, uma incompreensão, pois os moradores teriam de ser deslocados de onde habitam irregularmente para outra região da cidade.

No último parágrafo, os editorialistas emitem uma última opinião: “a obra de saneamento pode – e deve – vir acompanhada de outras medidas de urbanização [...]”. A verdadeira intenção do projeto de pacificação das favelas do Rio de Janeiro não é apenas expulsar os traficantes das comunidades para trazer qualidade de vida aos moradores. Estes últimos precisam que os serviços públicos básicos também cheguem até eles, como os serviços de água, esgoto, luz, coleta de lixo, entrega de correios, abertura de ruas, dentre outros, e essa infraestrutura só é estabelecida com a urbanização das comunidades. Corroboram essa tese ao trazer a opinião pública para dentro do texto, uma vez que todos têm direito à saúde, com água encanada e esgoto tratado, além de segurança e um lar digno. Os autores encerram o texto com um argumento apelativo ao bom senso, pois fica mais fácil de conquistar a instância de recepção, visando, assim, a suscitar no leitor emoções como a satisfação e o contentamento.

Após observar os possíveis efeitos patêmicos ao se empregar estratégias argumentativas, a patemização pode favorecer o projeto argumentativo. Como a intenção deste artigo é aproximar a *Pesquisa da Prática de ensino*, vejamos, na próxima seção, algumas atividades voltadas para o ensino que podem estimular a reflexão e o reconhecimento dessas estratégias argumentativas por alunos de ensino médio. Sabemos que os

alunos de ensino médio não estão familiarizados com a teoria, tampouco com os termos técnicos referentes aos aspectos linguísticos; entretanto, o professor pode explorar mais os significados dos textos, valorizar mais a compreensão por parte de seus alunos e expandir mais a percepção dos discentes em relação às intencionalidades do autor subjacentes no texto. Para tanto, abordamos a patemização com um registro mais próximo dos alunos, além de contextualizar e comparar os tipos de argumentos. Selecionamos um texto que traz a temática *saneamento básico* do mesmo jornal do editorial anterior para facilitar a compreensão dos lugares da emoção, já que uma análise pormenorizada foi feita nesta seção para servir de apoio.

3. A prática em sala de aula: atividades e sugestão de respostas

Alunos dos anos finais do Ensino Médio já estão com o seu processo de formação cidadã quase completo e, por esta razão, justifica-se um estudo do texto argumentativo de forma mais ampla e não com o mero pretexto de usá-lo para ensinar apenas estruturas sintáticas. Essa questão se mostra ainda mais saliente quando pensamos em textos jornalísticos, que perpassam o dia a dia dos estudantes.

Levando em conta que a microestrutura e a macroestrutura textual devem ser consideradas para a análise de um texto, o professor precisa utilizá-lo como uma unidade informativa, conforme sugere o OCEM de Língua Portuguesa (BRASIL, 2006). A partir do momento em que o aluno está diante de um texto argumentativo, que tem a finalidade de trazer argumentos que provem a tese do texto, fazendo com que tome o mesmo partido do autor, então, o professor precisa mostrar os recursos e as estratégias que podem ser utilizados no processo de convencimento e/ou sedução do leitor. Desta maneira, deve-se ensinar também a reconhecer os efeitos patêmicos que estão latentes no texto, ampliando, assim, os conhecimentos e expandindo os olhares sobre a língua e a prática de leitura e produção de texto.

A partir da análise efetuada na seção anterior, elaboramos diversificadas questões que podem ser abordadas sobre argumentação sob um viés lógico e emotivo no texto *Saída para o saneamento está na iniciativa privada*. Antes, porém, devemos nos atentar ao objetivo principal desta seção: elaborar atividades que estimulem a reflexão do aluno para que ele, sozinho, possa interpretar as estratégias argumentativas do texto e levantar hipóteses sobre

as intenções patêmicas visadas. Não significa que todas essas atividades devam ser aplicadas, nem que se esgota aqui a forma de utilizar o texto selecionado, mas o intuito neste artigo é oferecer um caminho, mostrar como a argumentação pelo *logos* e pelo *pathos* pode ser trabalhada em sala de aula, sem mesmo trabalhar os princípios teóricos e seus termos técnicos.

Não devemos nos esquecer de que cabe ao professor analisar a melhor maneira de abordar o conteúdo, ponderando os graus de facilidade e de dificuldades que seus alunos possam encontrar e, para isso, os ajustes necessários devem ser realizados.

Trazemos a seguir outro editorial do jornal *O Globo* sobre a mesma temática abordada no texto (saneamento básico), publicado seis meses após a publicação do primeiro.

Leia o texto abaixo e responda às perguntas que se seguem:

Saída para o saneamento está na iniciativa privada.

A grave crise política e a pior recessão da história tiram o foco de questões essenciais que, diante de outras urgências, acabam ficando em segundo plano. Mas não são menos importantes. E isso ficará claro quando o país, em algum momento, retomar um mínimo de normalidade para ir adiante e fazer projetar o futuro, em vez de se dedicar a apagar incêndios do cotidiano.

É o caso do saneamento, mais uma tragédia que se agrava pelo descaso e pela tendência deletéria dos políticos de administrar de olho apenas na próxima eleição, deixando de lado obras que não “aparecem” nem vão render votos a curto prazo. É um vício antigo. Desde os anos 1980 o país não faz investimento significativo no setor. E recuperar tanto tempo de incúria exige um gasto proibitivo para um Estado sufocado ao limite pela crise fiscal e com a capacidade de investimento aniquilada pelas gestões irresponsáveis de Lula e Dilma e boa parte dos antigos e atuais governadores.

Para universalizar os serviços de tratamento de água e esgoto no país, seria preciso – de acordo com dados mais recentes do Instituto Trata Brasil – um investimento de R\$ 303 bilhões em 20 anos. Para se ter uma ideia do que isso representa, o Programa de Aceleração do Crescimento (PAC) destinou R\$ 40 bilhões ao saneamento, ou seja cerca de 13% do total necessário.

O Brasil ainda convive com situações inaceitáveis. Mais de 35 milhões de pessoas não contam com abastecimento de água tratada. No grupo das cem maiores cidades brasileiras, a média de tratamento de esgotos é de 50,26%. Diante de quadro tão

dramático, não há outra alternativa a governos incapazes até de honrar salários de servidores a não ser recorrer a parcerias com a iniciativa privada.

Há exemplos bem-sucedidos nesse sentido, como o da concessionária Águas de Niterói, e planos de estender a experiência a outros municípios. O governo do estado do Rio anunciou em novembro do ano passado que faria parceria público-privada para realizar as obras de saneamento em São Gonçalo, Itaboraí, Baixada Fluminense e entorno da Bacia do Rio Guandu. A experiência de Niterói não deixa dúvida quanto ao caminho a seguir. A cidade está em sexto lugar em saneamento entre as cem maiores do Brasil no ranking do Trata Brasil.

A intenção de recorrer à iniciativa privada, no entanto, não é panaceia. É preciso que ela seja levada efetivamente adiante, enfrentando resistências corporativas e preconceitos políticos e que a continuidade dos projetos não dependa do eventual resultado de eleições. Os governantes deverão, finalmente, ser claros num firme propósito e na visão construtiva de longo prazo, porque a necessidade de tirar o país do atraso é urgente. A população ganharia em saúde e qualidade de vida.

(O Globo, Editorial, 6 de julho de 2016)

Questão 1 – De acordo com o título do texto, responda:

- a) Qual a temática a ser tratada?
- b) O que podemos deduzir sobre a atual situação sobre saneamento no Brasil?
- c) A quais grupos sociais você acredita que esse título estimularia a leitura completa do texto? Você seria um deles? Justifique.
- d) Quais sensações você acredita que podem ser provocadas no leitor a partir do título?

Questão 2 – Do primeiro parágrafo, quais palavras e/ou expressões revelam abertamente as crenças dos autores do texto? Essas expressões condizem com o gênero editorial de jornal, por quê? A partir delas, quais efeitos podem ser instigados no leitor?

Questão 3 – Sobre os segundo e terceiro parágrafos, responda:

- a) O autor busca convencer os leitores a aderirem a sua opinião de que a situação do saneamento é uma tragédia por meio de alguns argumentos. Quais seriam eles? Eles apresentam algum embasamento técnico? Justifique.

b) Uma possível solução é apresentada no 3º parágrafo. O embasamento de agora é mais técnico do que o anterior? Você acredita que essa argumentação convence mais do que a estratégia empregada anteriormente?

c) Quais possíveis reações emotivas os autores tentavam atingir nos leitores?

Questão 4 – Embora não haja marcas de 1ª pessoa no quarto parágrafo, podemos observar uma clara seleção vocabular que denota as avaliações dos autores sobre essa situação. Quais seriam essas expressões e/ou estruturas? Quais sentimentos poderiam estar envolvidos?

Questão 5 – Os autores apresentaram uma solução no 4º parágrafo, mas no parágrafo seguinte eles afirmam não ser uma solução definitiva. Como eles elaboram a construção lógico-semântica?

Questão 6 – Você, como leitor, adere ao ponto de vista dos autores? Justifique.

Sugestão de Respostas

Esclarecemos que as respostas a seguir são apenas uma sugestão de gabarito, visto que outras respostas também podem ser aceitas, afinal, o texto não apresenta apenas um sentido, mas cada leitor pode desvelar da situação de comunicação sentidos diversos. Portanto, o professor deve compreender essas respostas apenas como sugestões, não como respostas fechadas.

Expectativa de resposta à questão 1

a) De acordo com o título, espera-se encontrar a solução para os problemas relativos ao saneamento na iniciativa privada.

b) Pode-se inferir que o problema de não atendimento de saneamento básico ainda persiste no Brasil.

c) Esse título poderia estimular a leitura completa do texto ao atingir empresários de empreiteiras envolvidas nessa área da construção civil, bem como aqueles que ainda não foram contemplados com a rede de esgoto em suas residências, pessoas ativistas que defendem o tratamento de água e

despoluição dos rios/meio ambiente, pessoas ligadas à área de saúde.
Resposta livre.

d) Os sentimentos que podem ser provocados nesses leitores são de esperança, de contentamento etc. (outras respostas poderão surgir e ser aceitas, pois, como afirmamos em consonância com Charaudeau (2010), o despertar de uma ou de outra emoção é dependente dos valores e imaginários apresentados pelo interlocutor/aluno).

Expectativa de resposta à questão 2

Essas palavras e/ou expressões são: “mas não são menos importantes”; “ficará claro”; “em algum momento”; “um mínimo de normalidade”; “em vez de se dedicar a apagar incêndios”. Elas geram um sentimento de preocupação e de reflexão, já que o momento atual está mais voltado para questões políticas e econômicas de outros problemas, do que voltado para saneamento, estes são menos discutidos porque ninguém, das grandes cidades, vê.

Expectativa de resposta à questão 3

a) Os argumentos apresentados são: (i) “pelo descaso e pela tendência deletéria dos políticos administrar de olho apenas na próxima eleição”; (ii) “exige um gasto proibitivo”; (iii) “pela crise fiscal e com a capacidade de investimento aniquilada pelas gestões irresponsáveis de Lula e Dilma e boa parte dos antigos e atuais governadores”. Não, todos os argumentos apresentados no segundo parágrafo são predominantemente de ordem lógica. É uma construção lógica de causa-consequência em que a causa é a falta de investimento significativo no setor desde 1980 e a consequência é que, para recuperar todo esse tempo, é necessário um amplo investimento financeiro que não se tem. Vale lembrar que, embora construídos sobre um raciocínio lógico, tais argumentos também podem despertar emoções, apresentando um viés patemizante.

b) Dessa vez, o embasamento é mais técnico, pois mostra o resultado de uma pesquisa realizada pelo Instituto Trata Brasil. Os autores apresentam esses recursos argumentativos, pois fortalecem mais a argumentação e conferindo mais credibilidade aos autores do texto.

c) O impacto que pode ser gerado no leitor é de revolta, de indignação.

Expectativa de resposta à questão 4

As palavras e/ou expressões seriam: “situações inaceitáveis”; “tão dramático”, “a governos incapazes”. Sentimento de revolta, de indignação, de tristeza podem ser suscitados devido à seleção vocabular e aos argumentos apresentados.

Expectativa de resposta à questão 5

Os autores apresentam argumentos de dados estatísticos para que “recorrer à iniciativa privada” se apresente como o resultado lógico e esperado e, no parágrafo seguinte, ele rompe com essa corrente ao introduzir o conector “no entanto”, levando a um outro raciocínio lógico, “não é panaceia”.

Expectativa de resposta à questão 6 livre

Como podemos perceber, o trabalho com a interpretação textual, favorecendo a compreensão dos mecanismos linguísticos e discursivos subjacentes à prática argumentativa, é uma tarefa passível de ser realizada com alunos do Ensino Básico. Por meio dessas questões e das respostas sugeridas anteriormente, procuramos demonstrar que é possível se trabalhar com textos argumentativos sem o emprego de termos metalinguísticos complexos.

Considerações finais

A Teoria Semiollingüística do Discurso é a teoria que embasa este artigo, por meio de estudos do próprio Charaudeau (2004; 2007; 2008, 2009, 2010, 2015) e complementados por Emediato (2007), Fernandes (2010), Gouvea; Pauliukonis (2012). Ainda que não haja uma teoria ou metodologia nos estudos da linguagem que deem conta das emoções percebidas no leitor, isto é, de captar a manifestação física e/ou psíquica dos sentimentos enquanto se lê um texto, a Semiollingüística nos ajuda a conjecturar sobre as possíveis sensações que podem ser experienciadas durante o processo de leitura, graças às pistas linguísticas lançadas pelo autor. Dessa forma, exploramos alguns lugares de patemização que projetam afetividade no discurso como: os espaços de tematização e problematização; os modos de organização do discurso; a escolha lexical e os recursos argumentativos lógicos.

Na seção de análise, observamos um texto argumentativo com o objetivo de mostrar ao professor de língua materna como reconhecer essas pistas de patemização. De modo geral, o exame do texto selecionado nos permitiu confirmar uma das principais visadas discursivas do gênero editorial de jornal, a de *fazer-sentir*. Por isso, conseguimos delinear as possíveis emoções experienciadas pela instância da recepção em cada momento em que a instância de produção lança mão de uma estratégia argumentativa, seja utilizando um argumento lógico, seja através da escolha lexical, por exemplo, com a finalidade de persuadir, seduzir o seu público.

Na seção de prática em sala de aula, o objetivo era elaborar questões para que alunos de ensino médio pudessem refletir sozinhos sobre essas emoções na construção textual e pudessem analisar as estratégias argumentativas, levantando hipóteses sobre as possíveis sensações que podem ser geradas no leitor visando à persuasão e à adesão aos pontos de vista apresentados. Nesta mesma seção, após as tarefas propostas, apresentamos uma breve sugestão de respostas em que se discute a resolução das questões postas.

Neste sentido, esperamos aplicar a teoria vista na academia à prática de ensino de língua portuguesa durante o exame de textos argumentativos, mesmo que o professor não venha mencionar e/ou discutir os pormenores da Semiologia do Discurso com seus alunos. Entendemos que o importante é fazer com que o estudante leia um texto argumentativo com outros olhos, rompendo o véu da inocência diante de um texto midiático, tornando-se, neste processo, um cidadão cada vez mais emancipado. Deste modo, ao fazer com que os alunos compreendam que a argumentação também pode ser realizada por meio da patemização, desvelando sentidos e intencionalidades nos textos lidos, contribui-se para o despertar do senso crítico no discente.

Referências

BRASIL. **Orientações curriculares para o ensino médio: Linguagens, códigos e suas tecnologias.** vol. 1. Secretaria de Educação Básica. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2006.

CHARAUDEAU, Patrick. A patemização na televisão como estratégia de autenticidade. Tradução: Renato de Mello. In: MENDES, Emília; MACHADO, Ida Lúcia. **As emoções no discurso.** v. II. Campinas: Mercado das Letras, 2010. p. 23-56.

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das mídias.** Tradução: Angela Maria da Silva Corrêa. 2.ed., 3a impressão. São Paulo: Contexto, 2015.

CHARAUDEAU, Patrick. El discurso mediático. Legitimidad, credibilidad y captación. In: HARVEY, Anamaria (org.). **En torno al discurso.** Santiago: Universidad Católica de Chile, 2004. p. 310-316.

CHARAUDEAU, Patrick. Identidade social e identidade discursiva, o fundamento da competência comunicacional. Tradução: Angela Maria da Silva Corrêa. In: PIETROLUONGO, Márcia (org.) **O trabalho da tradução.** Rio de Janeiro: Contra Capa, 2009. p. 309-326.

CHARAUDEAU, Patrick. **Linguagem e discurso: modos de organização.** Tradução: Angela Maria da Silva Corrêa e colaboradores. 2. ed., 2. impr. São Paulo: Contexto, 2008.

CHARAUDEAU, Patrick. Uma análise semiolinguística do texto e do discurso. Tradução: Angela Maria da Silva Corrêa. In: PAULIUKONIS, Maria Aparecida Lino; GAVAZZI, Sigrid (org.). **Da língua ao discurso: reflexões para o ensino.** Rio de Janeiro: Lucerna, 2007. p. 11-29.

EMEDIATO, Wander. As emoções da notícia. In: MACHADO, Ida Lúcia; MENEZES, William; MENDES, Emília (org.). **As emoções no discurso.** vol. I. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007. p. 290-309.

FERNANDES, Adélia Barroso. A emoção no discurso jornalístico: contar histórias e comover leitores. In: MENDES, Emília; MACHADO, Ida Lúcia (org.). **As emoções no discurso.** Vol. II. Campinas: Mercado de Letras, 2010. p. 141-152.

GLOBO ONLINE. **Saneamento de favelas para além de água e esgoto.** 2016. Disponível em: <http://noblato.globo.com/editoriais/noticia/2016/01/saneamento-de-favelas-para-alem-de-agua-e-esgoto.html>. Acesso em: 26 set. 2018.

GLOBO ONLINE. **Saída para o saneamento está na iniciativa privada.** 2016. Disponível em <https://oglobo.globo.com/opiniaosaida-para-saneamento-esta-na-iniciativa-privada-19674483#ixzz5RQJoU8Hx>. Acesso em: 30 ago. 2018.

GOUVEA, Lucia Helena Martins; PAULIUKONIS, Maria Aparecida Lino. Texto como discurso: uma visão semiolinguística. **Desenredo**, Passo Fundo, v. 8, n. 1, p. 49-70, 2012.

SILVESTRE, Rachel de Carvalho Pinto Escobar. A patemização na reportagem “Reforma de Collor faz terremoto na economia” *In*: GOUVÊA, Lúcia Helena Martins (org). **Argumentação pela emoção: um caminho para persuadir**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2017. p. 275-304.

SOUZA, Karen Pereira Fernandes de. Efeitos patêmicos em textos midiáticos: análise de um editorial de jornal. *In*: GOUVÊA, Lúcia Helena Martins (org). **Argumentação pela emoção: um caminho para persuadir**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2017. p. 213-246.

Forma de citação sugerida conforme ABNT

SOUZA, Karen Pereira Fernandes de; SILVESTRE, Rachel de Carvalho Pinto Escobar; SILVA, Welton Pereira e. Patemização e argumentação em editoriais do jornal O globo: uma proposta para o ensino. **EID&A – Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação**, Ilhéus, n. 20, v. 2, p. 100-122, ago. 2020. <http://dx.doi.org/10.47369/eidea-20-2-2668>.